

Veado-campeiro, patrimônio pantaneiro

A espécie é das mais comuns no Pantanal, mas nem por isso dispensa estudos e atenção dos cientistas. Sua presença como podador ajuda a moldar a paisagem

Walfrido Moraes Tomas e Guellity Marcel Fonseca Pereira

Onde houver campos e vazantes, lá estão eles: animais de aparência leve e elegante, ágeis, de cor parda clara. Logo ali um macho, ostentando sua galhada; um pouco mais à frente uma fêmea, deitada no capim, às vezes, acompanhada por um filhote; mais adiante ainda, três ou quatro jovens levantam suas cabeças ao mesmo tempo, alertas, devolvendo olhares curiosos aos humanos de passagem. Assim é o veado-campeiro, uma das espécies de mamíferos nativos mais facilmente avistadas no Pantanal. Também chamado de veado-branco ou veado-ga-

lheiro, recebe o nome de origem tupi suaçutinga, derivado de *soó* = caça; *açu* = grande e *tinga* = branco. Em guarani, o nome é *guazu-ti*, derivado de *guasu* = veado alto e veloz e *ti* = branco ou claro. Cientificamente, a espécie é chamada *Ozotoceros bezoarticus*. *Ozotoceros* deriva do grego e quer dizer chifres ramificados e *bezoarticus* tem origem na palavra persa *pādshar*, cujo significado é antídoto, remetendo à crença no uso medicinal de uma massa consistente de pelos e fibras, muitas vezes mineralizada, produzida no estômago dos ruminantes. Na Europa, a palavra persa derivou para bezoar. E quando os europeus chegaram à América, passaram a valorizar como medicamento o

bezoar produzido no estômago do veado-campeiro. Felizmente, tal credence ficou lá atrás no passado e não motiva mais a caça.

Uma característica marcante na aparência desse veado facilita sua diferenciação de outras espécies da família Cervidae presentes no Pantanal, como o veado-catingueiro, o veado-mateiro e o cervo-do-pantanal: ele ostenta anéis brancos ao redor dos olhos, bem visíveis. Além disso, o veado-campeiro também tem ventre, peito e traseiro brancos, sendo que cauda é negra em sua parte superior e branca na parte inferior. Quando abaixada, a cor negra da cauda se destaca sobre o traseiro branco. E quando o animal

foge em disparada, os longos pelos brancos da parte inferior da cauda ficam eriçados e bem evidentes.

As orelhas são relativamente pequenas e lanceoladas, internamente cobertas de pelos brancos. Seus chifres são em forma de galhada, podendo se dividir em até nove pontas. Em geral, possuem três ramos principais, sendo os demais menores e irregulares. Vivem em grupos de dois a cinco indivíduos, mas podem somar mais de 20 veados, em locais onde o alimento tem melhor qualidade.

Os campeiros já foram considerados os mais especializados pastadores entre os cervídeos brasileiros, porque se alimentariam basicamente de capim. Entretanto, estudos da Embrapa Pantanal mostraram que não é bem assim: esses veados se enquadram mais como podadores, por consumirem muito mais plantas de folhas largas, frutos e flores do que gramíneas. Isso explica o fato de os ambientes de maior capacidade de lotação por gado bovino, na paisagem do Pantanal, também suportarem grande quantidade de veados-campeiros. Como preferem alimentos diferentes, bois e campeiros simplesmente não competem entre si por recursos e podem conviver em relativa harmonia.

A convivência só não é completa porque existem doenças cruzadas entre as duas espécies, com potencial para afetar a reprodução ou mesmo a sobrevivência dos veados. Isso está em estudo pela Embrapa, pois alguns aspectos dessa relação epidemiológica podem ser relevantes também para a sanidade do rebanho bovino.

E quantos veados-campeiros vivem no Pantanal? Levantamentos aéreos sistemáticos realizados entre 1991 e 2004, pela equipe de Vida Selvagem da Embrapa Pantanal, evidenciaram mais de 130 mil indivíduos. E a estimativa é de que

essa população tenha crescido, nos últimos 15 anos, favorecida por cheias menos intensas. No Pantanal também foram encontradas as mais altas densidades (animais por quilômetro quadrado) em toda a área de distribuição da espécie, na América do Sul.

Todas as variantes de veado-campeiro (subespécies) estão listadas como ameaçadas de extinção. A situação é especialmente crítica na pampa da Argentina e no Uruguai, onde ocorrem as subespécies *Ozotoceros bezoarticus celer* e *O. b. uruguayensis*, respectivamente. A subespécie do Planalto Central brasileiro e sul do país (*O. b. bezoarticus*) também se encontra em situação de risco. Já o estado de conservação da subespécie do Pantanal – a mesma do Chaco da Argentina, do Paraguai e da Bolívia: *O. b. leucogaster* – é o mais confortável. Embora esteja inserida na lista brasileira de espécies ameaçadas desde 2014, nada indica a existência de alguma ameaça premente, capaz de afetar essa população nos próximos 30 anos.

Um aspecto interessante do veado-campeiro no Pantanal é a precisão

de seu ciclo reprodutivo, algo mais comum em espécies de áreas temperadas do Hemisfério Norte, raríssimo em áreas tropicais. A partir de abril, começam a cair os chifres (presentes apenas nos machos). As novas galhadas se formam entre junho e julho. Em agosto, os chifres param de crescer e o velame que os recobria começa a se desprender. O fenômeno é bastante sincrônico e previsível, abrangendo 100% dos machos adultos. E dá a impressão de ser comandado pelo fotoperiodismo: a duração da luz do dia parece desencadear processos hormonais que levam à queda ou ao aumento na testosterona e à consequente queda ou crescimento dos novos chifres.

Tal conexão da troca das galhadas com o fotoperiodismo ficou evidente quando veados-campeiros da subespécie pantaneira (*O. b. leucogaster*), capturados no Paraguai, foram levados para um zoológico da Alemanha. Lá eles passaram a trocar as galhadas no final do ano, quando é inverno e os dias são mais curtos na Europa, e ganhar novos chifres na primavera do Hemisfério Norte, quando os dias se tornam gradualmente mais



Acreditava-se que o campeiro só comia gramíneas, mas ele prefere as folhas largas.

longos. O ciclo dos machos está diretamente relacionado ao ciclo reprodutivo da espécie. As fêmeas dão à luz a partir de agosto, com pico de nascimentos em setembro, no Pantanal. O final da gestação, portanto, ocorre no momento em que os machos estão formando chifres novos e com níveis mais baixos de testosterona (o hormônio da libido). As fêmeas entram no cio no final do ano, após desmamarem os filhotes, quando então os dias são mais longos e a testosterona dos machos está no auge, dando início a um novo ciclo.

Alguns fatores ambientais ainda podem estar estreitamente relacionados com esses ciclos, já que o final da gestação ocorre quando as melhores pastagens começam a surgir em grande parte do Pantanal, com o recuo das cheias (exceto nas áreas mais baixas, onde o veado-campeiro praticamente não ocorre). Ao final da estação seca (setembro, outubro e novembro), quando vêm as primeiras chuvas e os filhotes são desmamados, as fêmeas entram em condição reprodutiva (dezembro, janeiro, fevereiro).

Os ciclos reprodutivos também refletem no comportamento do veado-campeiro. Quando em

fase de formação de chifres, por exemplo, eles tendem a andar em grupos só de machos. Dois fatores talvez expliquem isso: eles se toleram melhor porque a libido está diminuída e, estando juntos, o risco de predação é menor. Sempre haverá um indivíduo com cabeça erguida e vigilante, permitindo aos demais se dedicarem a pastar por mais tempo, algo importante num momento em que a demanda por minerais e energia é relevante para a formação dos chifres.

As fêmeas, a partir de maio, começam a expulsar de perto de si os machos jovens. Tendem, então, a andar solitárias ou acompanhadas de fêmeas mais novas. Grupos mistos, de machos e fêmeas, são mais observados após o nascimento dos filhotes. Alguns jogos simulando lutas, corridas para expulsão de outros machos e embates entre machos são observados a partir de novembro, aumentando em intensidade em dezembro e janeiro, época de reprodução. Os machos mais velhos tentam prevenir o acesso de machos mais novos a fêmeas, num esforço para garantir descendentes.

Quanto ao habitat, apesar de ser uma espécie que frequenta áreas secas, o veado-campeiro depende bastante das cheias do Pantanal. Por um lado, as cheias podem limitar sua distribuição dentro da planície, pois a espécie não está adaptada para viver em terrenos permanentemente úmidos ou alagados, nem naqueles com inundações generalizadas e de longa duração. Por outro lado, as cheias sazonais limitam a invasão de espécies lenhosas (árvores e arbustos) nos campos, fazendo com que os ambientes permaneçam abertos e com vegetação mais baixa, além de favorecer o crescimento de plantas consumidas pelo veado-campeiro.

A falta de cheias tem efeitos contrários: em médio e em longo prazos,

os campos podem “sujar”, reduzindo sua qualidade para o veado. A eliminação do fogo tem papel semelhante: leva ao adensamento da vegetação e desfavorece o campeiro. Vale lembrar que o Pantanal é uma grande savana inundável e o fogo é um fator ecológico natural. Porém, seu uso no manejo da vegetação pantaneira muitas vezes é feito de modo errado, em períodos errados e com frequência maior do que seria natural. O efeito é a degradação da vegetação, inclusive para o gado, pois tal intervenção do homem favorece plantas mais rústicas e de menor qualidade como alimento. Sem contar os impactos negativos, nos ambientes e na biodiversidade, e sua contribuição para as mudanças climáticas globais.

A grande questão que fica é se as modificações da paisagem para formação de pastos podem afetar os veados-campeiros. Hoje já é comum avistá-los em áreas de pastagens plantadas, de braquiária, e isso pode ser interpretado como se a espécie fosse favorecida pelas alterações na estrutura e na composição da vegetação. Entretanto, estudos demonstram que os veados não comem braquiária. Na verdade, eles buscam plantas que nascem e sobrevivem em meio ao pasto cultivado, especialmente as de folha larga, como malva, mercúrio e outras. Afinal, esse veado é um podador e não um pastador.

O fato de a pastagem geralmente ser plantada em áreas de cerrado e campo sujo leva à formação de uma vegetação artificialmente mais aberta, como a das vazantes, preferida pela espécie. Entretanto, não há garantia de disponibilidade de seus recursos forrageiros preferenciais. E os efeitos disso sobre a reprodução, o crescimento e a sobrevivência do veado-campeiro ainda não são conhecidos. ●

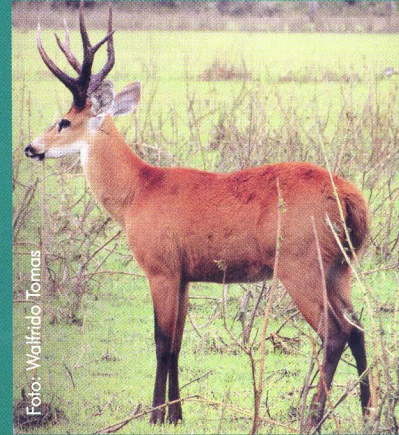
Apesar de habitar áreas secas, o veado depende das cheias para favorecer as plantas de que se alimenta

OUTROS VEADOS DO PANTANAL

Embora menos observadas do que o campeiro, outras três espécies de cervídeos são encontradas em terras pantaneiras. São elas:

Cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*)

É o maior cervídeo da América do Sul. Os maiores chegam a 1,91 m de comprimento e 1,27 m de altura, podendo pesar até 140 kg. A pelagem é marrom-avermelhada, com o focinho, a cauda e as extremidades dos membros negros. Suas orelhas, arredondadas e grandes, possuem longos pelos brancos no interior. Os machos ostentam galhada com três ou mais pontas de cada lado. Ocorre em áreas abertas inundáveis, onde se alimenta de plantas aquáticas, gramíneas e leguminosas. São solitários, mas podem formar pequenos grupos, em geral compostos pela fêmea e seu filhote. Está ameaçado de extinção.



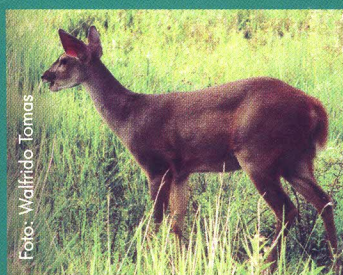
Veado-mateiro (*Mazama americana*)



Pesa entre 35 e 40 kg, com comprimento de 1,30 m e altura variando de 50 a 65 cm. A coloração é castanho-avermelhada, com pescoço acinzentado e ventre ligeiramente mais claro. As patas posteriores têm extremidades enegrecidas. As orelhas são lanceoladas e pequenas (em relação ao tamanho da cabeça), quando comparadas às do veado-catingueiro. O corpo também é muito mais compacto e pesado.

Como sugere o nome comum, tem hábitos estritamente florestais. Alimenta-se de frutos, flores, gramíneas, leguminosas e outros arbustos e ervas, além de fungos. É noturno e solitário, mas pode ser visto aos casais, eventualmente.

Veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*)



É a menor das quatro espécies de ocorrência no Pantanal. Possui 1,00 m de comprimento e pode pesar de 17 a 23 kg. A coloração da pelagem varia bastante: é possível encontrar indivíduos acinzentados, avermelhados, marrons ou pardos, em uma mesma população. As orelhas são relativamente grandes e arredondadas, diferentes das orelhas do veado-mateiro. São flexíveis quanto ao uso do habitat: usam florestas, matas ciliares, matas de galeria, cerrados abertos, campos, capoeiras e áreas degradadas. Geralmente solitários, eventualmente podem ser vistos aos pares. Sua dieta inclui frutos, flores, fungos, gramíneas, leguminosas, arbustos e ervas.